

Mano Penalva: truk(ə)

Corre perigo quem resolver dar truques em sistemas projetados para que o medo deixe de ser elevado à moeda de troca entre a sociedade e o Estado, já que preservar a vida no Brasil requer atenção redobrada. Ao longo do processo de montagem da exposição **truk(ə)**, vivemos o luto pelo extermínio de Marielle Franco, coroando o estúpido e obscuro projeto de nação, presenciado com espanto sempre maior. Na ocasião, Mano Penalva questionou as cores, as tramas e os materiais que constituem seu trabalho. Pareceu-lhe muito festivo, tornando inevitável o recuo de algumas obras realizadas com sacos de rafia, plásticos, *nylon* e algodão coloridos. Não foi o que aconteceu, pois, seguimos sustentando desejos de identificar truques em sistemas de dominação, elaborando leituras sobre estratégias responsáveis por promover a corrosão do estado de direito, um ato tão urgente quanto perigoso. Com isso, buscamos, em grande parcela da montagem, promover um jogo que consistiu em aproximar obras da série *Tramas* — realizada, em grande parte, com reproduções de Espadas de São Jorge e cintos utilizados para sistemas de segurança — de enunciados e imagens que resultam de recortes e aproximações de materiais com os quais o artista trabalha. Aderimos aos amuletos na porta de entrada da exposição, que apareceu em proteção de um país surrado e áspero, presentes em objetos que o artista produz com escovas de limpar chão. O que também nos levou a pensar quanto à elaboração de comentários sobre mecanismos de trucagem, entendido em cada obra por intermédio de diferentes gingados, sotaques, ritmos ou trapaças. Assim, ao lado de uma peça onde se lê “*mas calidad*”, uma outra indicaria “*origen de los materiales: Brasil*”. Se a forte presença das cores e tramas qualificam um modo particular de reinvenção do uso de materiais utilizados para embalar, transportar e delimitar espaço, lograr aproximar procedimentos da arte daqueles vinculados ao tradicional mercado popular permitiria ressignificar suas estratégias de circulação de objetos.

Outro conjunto, da série *Samba*, reavê o minimalismo com faixas de *nylon* dobradas e costuradas. A desenvoltura do gênero musical encontra a estruturação do movimento que previa promover a prática de geometrias impessoais. Nas obras de Mano, essas formas deixam de afirmar que “o que você vê é o que você vê”. Em vez disso, surge um diálogo improvável entre campos com pouca ou nenhuma contaminação do universo alheio, conjugados nas obras segundo uma humanização necessária aos processos de percepção. O que vemos, pelo contrário, é resultado de uma série de jogos, que interroga conquistas no campo da arte e sugere micro-oxigenações sobre o modo como percebemos o mundo segundo condicionantes naturalizados. Por isso, ao lado de *Samba*, fotografias da série *Origem*, iniciadas em 2015, tomam a palavra. Trata-se de uma coleção de trinta imagens, realizada no momento em que lonas azuis são utilizadas para cobrir camelôs. Coberturas de espaços móveis do comércio popular, elas preservam campos imantados, como diria Lygia Pape, produzindo ao mesmo tempo um

conjunto inusitado de volumetria efêmera, que comenta sobre esse espaço de trabalho seus métodos inventivos e suas instabilidades. Ao lado de paredes pintadas de verde, que o artista realizou para acolher o público e instalar outros objetos que tecem comentários agudos sobre o país, essas coberturas relembram lógicas que entendem o ato inaugurado pela *Land Art* de empacotar para gerar visibilidade ao objeto ou local.

Sobre o verde-bandeira da parede de entrada, o objeto composto contendo uma escova de piaçava e um aplique em formato de palmeira repete a palavra Brasil em **truk(ə)**. Desta vez, a obra estabelece relação direta com outro objeto no qual o verbo *produzir* ganha espaço central. Diante da urgente necessidade de produzir o Brasil, Mano não perde a chance de apresentar gracejos e sutilezas do seu trabalho, constituído por remontagens e repetições que parecem esvaziadas de significado em nosso cotidiano. A tessitura desses materiais e os movimentos apressados de *Aparelhagem*, vídeo que apresenta um jogo de adivinha — daqueles cuja regra é feita de maneira a permitir que, não raro, apenas um dos participantes saia vitorioso —, colabora grandemente com reflexões sobre deslocamentos de objetos e ações desgastadas, renovados de questionamentos sobre a presença do sensível em desacertos, insucessos e destroços do tempo presente.

Josué Mattos